



TORTO ARADO, REALISMO TORTO

ARTUR DE VARGAS GIORGI*

Não é preciso reapresentar o livro *Torto arado*, de Itamar Vieira Júnior, editado em 2019. Mesmo quem não o leu, mas tem os ouvidos minimamente atentos para o que ocorre na literatura contemporânea, conhece o nome do autor, o enredo do romance e sabe que se trata de um livro de enorme sucesso (por prêmios, vendas, repercussão etc.).

Esse sucesso é bem sustentado, como também sabemos, pela maneira como a narrativa se amolda a muitas pautas políticas e ideológicas contemporâneas, respondendo, sim, às imprescindíveis demandas identitárias de minorias (no caso, de afrobrasileiros quilombolas do nordeste do país) e às suas exigências de representação e justiça histórica. É desse modo um livro que se afina, dentro e fora da academia, com os discursos que cobram a singularidade dos lugares de fala, com as frentes feministas, com as lutas decoloniais, com as epistemologias não-ocidentais do chamado Sul Global, com os encontros dirigidos à superação do mundo capitalista etc.

As chaves de leitura de *Torto arado* reforçam, portanto, valores que parecem ser o próprio motor da obra: daí sua força representativa, afirmada uma e outra vez, por ser capaz de dar voz e protagonismo a sujeitos que a modernidade ocidental reconheceu apenas como coisas ou bestas, isto é, como não-sujeitos, no curso de seu avanço colonizador do planeta¹. A visão registrada no romance – de duas mulheres negras, quilombolas, e de uma encantada, situadas no sertão baiano – é assim uma visão excêntrica ou exterior a esse mundo moderno, rica, por isso, em termos de deslocamento e de entendimento da especificidade do cosmos retratado; mas, ao mesmo tempo, no quadro das premissas civilizatórias que tensionam a narrativa de ponta a ponta, é essa visão um vestígio – sem dúvida resistente – da violenta lógica exploratória em causa. Em outras palavras, se a crítica ao colonialismo acompanha a ficção, isso se dá sem simplificação ou esquematismo, ou seja, com pungência e complexidade.

* Professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. E-mail: artur.giorgi@ufsc.br.

¹ A relação entre colonização, capitalismo e barbárie foi emblematicamente colocada por Aimé Césaire em texto escrito entre 1948 e 1955: “Isso significa que o essencial aqui é ver claro e pensar claro, entender atrevidamente, responder claro à inocente pergunta inicial: o que é, em seu princípio, a colonização? Reconhecer que ela não é evangelização, nem empreitada filantrópica, nem vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da enfermidade, da tirania; nem a expansão de Deus, nem a extensão do Direito; admitir de uma vez por todas, sem titubear pelas consequências, que na colonização o gesto decisivo é o do aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial” (Césaire, 2010, p. 17).

Agora, essa mesma força representativa ou identitária encaminha a recepção do romance para os marcos, já muito elásticos, é certo, do realismo. Enredo, tempo e espaço bem delineados; personagens individualizadas; mundo do trabalho material e relações de classe dispostos diante do horizonte histórico; viés político e social do assunto trabalhado etc. – com efeito, entre a descrição e a narração, ao que parece nada no romance de Itamar Vieira Júnior fugiria muito ao que hoje, no avançar do século XXI, poderia ser pensado, grosso modo, como uma narrativa de lastro realista. E mesmo o último trecho da obra, em que se registra a narração da personagem encantada chamada Santa Rita Pescadeira, dificilmente escaparia às convenções realistas, dada a sua íntima articulação com o restante da trama.

Isso quer dizer que a lente realista, que parece focar a elaboração do romance, e o efeito por ela produzido são afinal bem ajustados, em suas linhas gerais. Nesse quadro, sujeito, é claro, aos marcos da cosmovisão em jogo, inclusive tornam-se absolutamente verossímeis, quase necessárias – e diríamos que para qualquer leitor, sintam-se ele representado, ou não, pela representação do romance –, a existência de entidades encantadas e a sua ação direta sobre os corpos e as vidas das demais personagens. O problema – que foge à linha geral dessa afinação e que, sem dúvida, enfraquece *Torto arado* – recai, portanto, em outro aspecto, que é mesmo de maior importância, já que estruturante da obra.

Trata-se da relação entre os três relatos, todos feitos em primeira pessoa (correspondendo às três partes da obra), e seus respectivos registros narrativos. Ou melhor, trata-se da falta de modulação ou variação nas três vozes narrativas que, a rigor, pelo que as próprias personagens narradoras nos informam, deveriam ser, segundo as convenções realistas, significativamente distintas.

Uma mesma prosa, feita no mesmo registro melódico que, aliás, em muitas passagens, não se esquivam da superficialidade cosmética e do subtexto sociológico, dificilmente daria conta de representar as vozes de personagens tão diferentes como Bibiana, Belonísia e

a encantada Santa Rita Pescadeira. E, no entanto, assim é o romance: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira narram em primeira pessoa; Bibiana passa pela educação formal, vai viver na cidade, torna-se professora e se engaja com o marido nas mobilizações sindicais e políticas de trabalhadores; Belonísia, por sua vez, tem a língua cortada desde a infância e assim permanece na fazenda, muda, meio avessa aos estudos, mais próxima da rotina do campo, da comunhão ancestral com a terra e das tradições religiosas da família, como os ritos do jarê; finalmente, a encantada, com uma existência mais que centenária e diversa, acompanha a sina dos escravizados e seus descendentes pelo sertão da Chapada Diamantina, abrigando-se, ao longo do tempo, em muitos corpos – e apesar dessas enormes diferenças entre as personagens, suas três narrações, sempre pessoais e estruturantes da obra, como já dito, aparecem num mesmo registro de linguagem².

Daí que o realismo de *Torto arado* se mostre meio torto, afinal. Uma fragilidade que alimenta as críticas que encontram em suas páginas as marcas do didatismo ideológico e do discurso progressista acadêmico, isto é, burguês em sua maioria. Seja como for, os méritos do livro parecem ser mais marcantes que seus problemas. E se hoje o principal trabalho da literatura é, digamos, mobilizar a imaginação pública em torno da elaboração de novas formas de vida em comum – formas de vida que superem o capitalismo e a colonização, ou seja, mais igualitárias, respeitadas e cuidadosas com as pessoas e a diversidade do mundo ao redor –, então o romance se mostra, de fato, como um exercício dos mais exitosos.

² Assim como meus elogios, minha crítica chega tarde, obviamente. Miguel Sanches Neto, por exemplo, em resenha publicada já em 2019, também anotou, após salientar a força do romance: “Apesar das três narradoras distintas, o romance apresenta apenas um registro de linguagem. O do autor, que tende para um beletrismo que incomoda em muitos momentos. Há uma obsessão pelas formas de narrar burguesas, com termos e inversões que querem embelezar a língua, uma língua portuguesa bem distante da fala quente dos personagens. Praticamente não ocorrem diálogos no livro,

porque quem fala é este estilo meio galvanizado, em que palavras como o verbo *adentrar* (tão repetido) querem dar um valor pretensamente literário ao texto. Se encontramos um realismo temático, junto à manifestação mágica, não encontramos um realismo de linguagem em um romance que, em vários momentos, cai em um discurso político padronizado, deixando de ser arte para se fazer sociologia” (Sanches Neto, 2019).

REFERÊNCIAS

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.

SANCHES NETO, Miguel. Casas definitivas. *Rascunho*, Curitiba, n. 235, s/p, nov. 2019. Disponível em: <https://rascunho.com.br/colunistas/perto-dos-livros/casas-definitivas/>

VIERIA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.